

Majur, representatividade indígena e LGBT

O documentário biográfico sobre um porta-voz indígena LGBT vai muito além de 20 minutos.

Em agosto de 2016, Rafael Irineu conheceu Majur como chefe de comunicação na Terra Indígena Tadarimana, onde gravou seu primeiro curta-metragem "Meu Rio Vermelho" (Disponível no Canal Brasil Play).

Meses depois, Majur convidou Irineu para fazer uma sessão fotográfica, e assim, com tempo, iniciou a parceria, que por fim resultou nas gravações.

Foi gravado em segredo entre 2017 e 2018 a pedido de Majur, apenas o cacique central sabia do destino das gravações. Atualmente, Majur (pessoa e filme) é de conhecimento e respeito de todos da aldeia.

Em sua essência carrega uma grande importância por de trás das câmeras: uma equipe 100% mato-grossense, composta por profissionais estreados nas funções principais, e formada por indígenas, gays, mulheres e trans para contar sua história.

Depois de ser lançado em junho no Festival Internacional de Diversidade Sexual e de Gênero, em Goiânia, foi a vez do 46º Festival de Cinema de Gramado.

O curta-metragem foi contemplado por um edital de fundo de cultura do Conselho Municipal de Cuiabá, na categoria Audiovisual, destinado para cineastas estreados, com baixo orçamento.

O Instagram serviu como ferramenta para ser o diário de gravação do filme. Além das fotos, um relato mais extenso da imersão.

www.instagram.com/filmemajur

Direção, câmera e montagem:

Iniciou na área de audiovisual com 11 anos. Começou a fotografar quando morava em Mirante-BA, e encontrou em uma câmera digital a forma de superar uma depressão infantil. Ainda em 2006, o sertão foi cenário para as fotos e vídeos. Sua vizinha era benzedeira e indicava seus serviços para casais e gestantes que iam pedir benção. De volta à cidade natal, foi apadrinhado por um fotógrafo que introduziu a noção técnica. Transformou seu trabalho em negócio. Participou de nove exposições fotográficas e foi bolsista por dois anos no Cineclubes Coxiponés. Tem dois curta-metragens autorais (direção, câmera e montagem) que somam mais de 120 exibições físicas e licenciamento para Canal Brasil e TV Brasil. São 22 prêmios em três anos de cinema.

Íris tem 25 anos, é LGBTQ+ e mora em Rondonópolis-MT. Tem formação em Radialismo pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Em 2019 recebeu o Prêmio RAD da Rede Argentina de Documentaristas pelo curta-metragem "Majur", que também recebeu a indicação ao primeiro turno do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. Com o primeiro curta "Meu Rio Vermelho", recebeu a indicação ao Prêmio da Associação Brasileira de Cinematografia 2017 na categoria estudantil e participou do programa "Pausa pro Café" do Canal Brasil. Iniciou na área de audiovisual com 11 anos. Em Mirante-BA começou a fotografar e encontrou em uma câmera digital a forma de superar uma depressão infantil. Ainda em 2006, o sertão da Bahia foi cenário para as fotos e vídeos. Sua vizinha era benzedeira e indicava seus serviços para casais e gestantes que iam pedir benção. De volta à cidade natal, foi apadrinhado por um fotógrafo que introduziu a noção técnica. Transformou seu trabalho em negócio, participou de nove exposições fotográficas e foi bolsista por dois anos no Cineclubes Coxiponés. Os dois curta-metragens autorais (direção, câmera e montagem) somam mais de 120 exibições físicas e licenciamento para Canal Brasil e TV Brasil. São 22 prêmios em três anos de cinema.

O início

Meu primeiro curta "Meu Rio Vermelho" é um documentário que faz o trajeto de um rio no interior do estado de Mato Grosso. O rio passa pela aldeia Paboré. Em 2016, Assim que tivemos autorização do Cacique central, ele nos passou o contato do Chefe de Comunicação que iria nos atender. Ali conheci Majur, me apresentou como Gilmar. Gravamos o que tinha que gravar e continuamos o contato. Também sou LGBTQ e confesso que vendo Majur ali, foi uma surpresa para minha zona de conforto. E com o passar do tempo pensei "quero contar essa história". Aos poucos, aconteceu a aproximação com sua família. Por fim, conversei com Majur sobre fazer uma biografia dele nesse atual momento.

Equipamentos

Usei uma câmera Canon 5DIII, uma lente Sigma 35mm e Samyang 14mm. Como o equipamento era meu, e a possibilidade de alugar era inválida, até porque as datas das ações eram inesperadas, e o agendamento de equipamentos melhores na cidade não suprimiu toda a demanda, preferi fazer com o que eu tinha.

As gravações

Os dias de acompanhamentos foram os mais desafiadores. Combinamos de avisar qualquer ação que poderia envolver a participação de Majur como Chefe de Comunicação. Saía de Cuiabá, capital, ia para Rondonópolis, onde tenho família, e assim ia para a Aldeia. Uma vez por estrada, outra por rio. A estrada, por conta do território protegido, demora quase duas horas para chegar, e por rio, apenas 15 minutos até o porto e a travessia de apenas um minuto.